

Anuário de Literatura

Volume 15

Número 02

IDENTIDADE CULTURAL,
CONTRASTE E DESLOCAMENTO:
O “ANALISTA DE BAGÉ” EM
QUESTÃO

Graziele Ramos Schweig
Mestre em Antropologia Social - UFRGS

**CULTURAL IDENTITY, CONTRAST AND DISPLACEMENT: THE
“ANALYST OF BAGÉ” IN QUESTION**

RESUMO: Este artigo tem por objetivo trazer elementos para análise de um dos principais personagens de Luis Fernando Veríssimo: o Analista de Bagé. São enfocadas, fundamentalmente, as questões implicadas no humor presente no texto, as quais remetem propriamente ao dilema da constituição da identidade gaúcha. Utilizando referenciais teóricos da Teoria Literária e especialmente da Antropologia Social, busco desenvolver algumas hipóteses interpretativas, bem como mapear as questões que cercam esse peculiar personagem da literatura brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: humor; regionalismo; identidade cultural.

ABSTRACT: This article proposes some elements for the analysis of one of the main characters of Luis Fernando Veríssimo: The Analyst of Bagé. It focuses, fundamentally, on the questions implicated in the humor of the text, which makes reference to the dilemma of gaúcho's identity constitution. Using theoretical references from Literary Theory and specially Social Anthropology, I aim to develop some interpretative hypotheses, as well as to map the questions that surround this peculiar character of Brazilian literature.

KEYWORDS: humor; regionalism; cultural identity.

Introdução

O que pode haver de cômico na figura de um psicanalista “freudiano ortodoxo”, mas que traz os hábitos do tradicional gaúcho da fronteira do Rio Grande do Sul? Neste artigo, busco realizar uma análise do humor presente em um conhecido personagem da literatura gaúcha e brasileira: o Analista de Bagé, do escritor Luis Fernando Veríssimo. Esse personagem teve sua primeira aparição no ano de 1981 (na obra “O analista de Bagé”, editada pela L&PM) e, desde então, apareceu em vários livros de Veríssimo, tendo rendido inúmeras reedições e milhares de exemplares vendidos. Uma versão em quadrinhos de suas histórias foi também lançada, além de ter servido de inspiração a peças de teatro ainda hoje encenadas. Um personagem de tanto sucesso em seu intuito de causar o riso se torna um caso emblemático para o estudo do humor: quais são os elementos acionados pelo autor para dar comicidade ao texto? Por que lançar mão da referência à psicanálise e à cidade de Bagé para compor um personagem cômico? É na direção dada por estas questões que este texto é construído.

Assim, ao lado da busca pelos elementos contextuais e culturais mobilizados no texto de Veríssimo, construo algumas hipóteses interpretativas, as quais serão desenvolvidas ao longo deste trabalho. A primeira delas aponta para a especificidade do registro literário humorístico na possibilidade de apontamento das contradições e tensões vivenciadas na experiência cotidiana, as quais muitas vezes não podem ser diretamente

explicitadas. No caso do Rio Grande do Sul, a tensão expressa no humor do analista de Bagé refere-se ao dilema “local” (tradicional) *versus* “global” (moderno), constitutivo da identidade cultural gaúcha, tal como argumenta Ruben Oliven (1992).

Além disso, sigo a interpretação de Guazzelli (2001) acerca do humor na literatura gaúcha. Segundo esse autor, a comicidade dos textos gaúchos se dá a partir do contraste entre campo e cidade, operado através do deslocamento de personagens representantes da cidade para o campo (e vice-versa). Defendo aqui que o humor presente no analista de Bagé é diferenciado dos demais textos humorísticos produzidos pela literatura gaúcha, na medida em que é construído através de um “duplo deslocamento”.

Uma terceira hipótese situa o analista de Bagé na perspectiva do “riso socializante” de Henri Bergson. Mesmo podendo ser classificado como “humor étnico”, já que opera com elementos de uma identidade específica, o analista de Bagé não possui as típicas características de antagonismo ou de menosprezo em relação a determinado grupo social – o que pode explicar sua boa aceitação tanto entre tradicionalistas quanto entre psicanalistas. Além disso, chamo atenção para a posição social do escritor Luis Fernando Veríssimo, o qual domina códigos culturais distintos, sendo, por isso, autorizado a fazer humor a partir da quebra de expectativas em relação a estereótipos.

Aproximando-se do autor e de seu personagem

Tendo sido criado inicialmente para Jô Soares interpretar em um programa humorístico, o personagem analista de Bagé acabou não sendo muito explorado no âmbito televisivo. No entanto, seu sucesso no campo literário o transformou no personagem mais popular de Luis Fernando Veríssimo. A primeira edição de “O Analista de Bagé” teve seus exemplares esgotados em apenas dois dias. Desde então, os livros com as crônicas do analista¹ contam com mais de 100 reedições.

Várias das histórias do analista foram adaptadas para o teatro, sendo algumas autorizadas pelo escritor. Em uma delas, intitulada “O Analista de Bagé”, o ator paulista Cláudio Cunha interpreta o homônimo personagem há mais de 25 anos, tendo figurado no “Guinness Book” de 1998 com dois recordes: a peça a mais tempo em cartaz e o ator há mais tempo encenando um mesmo personagem.²

Em entrevista de janeiro de 1989, para a revista Playboy, a qual publicou os quadrinhos do analista de Bagé entre 1983 e 1992, Veríssimo comenta sobre a origem do personagem:

¹ O personagem aparece nas seguintes obras, tendo por referência o ano de suas primeiras edições: “O Analista de Bagé” (1981), “Outras do Analista de Bagé” (1982), “O Analista de Bagé em quadrinhos” (1983) e “Todas as histórias do Analista de Bagé” (2002). Os três primeiros livros foram publicados pela editora L&PM de Porto Alegre. O último deles foi editado pela Objetiva, a qual iniciou contrato com Veríssimo em 2000, realizando alguns relançamentos e novas coletâneas de crônicas, além de poesia e romance do autor.

² Informações retiradas de <<http://diariodovale.uol.com.br/arquivo/5158/lazer/lazer-25203.htm>>.

“Fiquei pensando como o *chez* francês se parece com o *tchê gaúcho*, imaginei um restaurante chamado *Tchê Françoise* e depois imaginei por que ele teria este nome. Criei então um tipo para o Jô Soares fazer na televisão que era um garçom, muito grosso, que trabalhava num restaurante fino, francês, e era casado com a dona do restaurante, mas tentava convencer os fregueses a esquecer as frescuras da francesa e experimentar uma boa lingüiça no espeto, etc. Era a idéia da incongruência entre personagem e ambiente, que não é novidade no humor. Como o tipo foi pouco usado na televisão, resolvi aproveitá-lo na coluna da *Zero Hora*, só transformando o garçom em psicanalista. Mas a idéia da incongruência era a mesma.”

Essa idéia de incongruência parece ser uma das chaves do humor do Analista de Bagé. Uma incongruência que mobiliza elementos próprios a um contexto específico que é o Rio Grande do Sul, perpassado por opostos e contradições, como veremos mais adiante.

Filho de Érico Veríssimo, autor do épico “O Tempo e o Vento”, Luis Fernando parece estabelecer uma outra relação com a tradição. Enquanto Érico, a partir de seu viés regionalista, criou uma série de personagens que encarnavam valores conformadores de uma identidade positiva do Rio Grande do Sul, Luis Fernando explora a quebra de estereótipos relacionados à figura do gaúcho. O rompimento com a expectativa em relação a essa figura idealizada pode ser entendido como um processo de desmistificação, o qual gera a comicidade. Veríssimo, ainda na referida entrevista, define-se a si

próprio como um gaúcho atípico, não correspondendo a uma imagem pré-estabelecida:

“Playboy – Você se considera um gaúcho autêntico, desses de usar bombacha e tomar chimarrão?”

Veríssimo – Nunca usei bombacha, não gosto de chimarrão e nem de me lembrar da última vez que subi num cavalo. Aliás, acho que o cavalo também não gosta.”³

Em outra entrevista, para a Revista Veja, de 12 de março de 2003, Veríssimo afirma: “É a suprema desmoralização: o churrasco na minha casa é feito por minha mulher, que ainda por cima é carioca”.

Essas falas de Veríssimo o marcam como um intelectual urbano, que não busca reviver os tempos idílicos da fazenda e da lida campeira – perspectiva típica dos expoentes do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), bem como da corrente regionalista na literatura. Luis Fernando Veríssimo passou uma parte de sua juventude (dos sete aos nove; depois dos dezesseis aos vinte anos de idade) morando nos Estados Unidos, quando o pai, Érico, lecionou em Universidades norte-americanas. Luis Fernando acabou sendo criado em um contexto cosmopolita de contato com uma “cultura global”, tendo iniciado no exterior seu gosto pelo Jazz e pelo saxofone, instrumento que toca até hoje e que não deixa de expressar esse cosmopolitismo do escritor.

³ Revista PLAYBOY, janeiro de 1989.

Veríssimo, portanto, pode ser entendido como um escritor desenraizado, já que suas referências e experiências passam por temporadas em diferentes países⁴. Contudo, ao mesmo tempo, ele se mostra bastante enraizado em seu estado e até na casa de origem: mesmo escrevendo para jornais e emissoras de televisão de todo o Brasil, e vendendo livros internacionalmente, Luis Fernando continua morando na residência do Bairro Petrópolis, em Porto Alegre, onde Érico viveu e criou sua família. Veríssimo, então, é capaz de rearranjar dois códigos culturais distintos (o “local” e o “global”) em sua experiência de vida (TODOROV, 1996), o que o faz ter uma relação especial com sua produção literária e, mais especificamente, humorística. Essa característica será mais bem explorada ao final deste texto.

Humor e contrastes: atualizando o dilema gaúcho

Pensando desde a perspectiva de Mary Douglas, levamos em conta o fato de que uma piada só é permitida, e reconhecida como tal, quando oferece um padrão simbólico expressivo de situações sociais nas quais ocorre (DOUGLAS, 1993, p. 98). Dessa forma, se faz necessário considerar o contexto histórico-cultural no qual se insere (e ao qual faz referência) o

⁴ Luis Fernando Veríssimo é autor de alguns guias de viagem (publicados pela editora Artes e Ofícios) fruto de suas vivências pelo mundo: “Traçando Japão”, “Traçando Madrid”, “Traçando New York”, “Traçando Paris”, “Traçando Roma”, além de “Traçando Porto Alegre”.

personagem analista de Bagé. Esse contexto remete às contradições que conformam a identidade do estado do Rio Grande do Sul, as quais encontram expressão na constante evocação de particularidade, e ao mesmo tempo de pertencimento, em relação à identidade nacional (OLIVEN, 1992).

A busca pela especificidade gaúcha e a preocupação com o regionalismo, na literatura, nasce com o primeiro grupo literário organizado no estado, o Parthenon Literário, encabeçado por Apolinário Porto-Alegre, em finais do século XIX. Sob influência do romantismo, há a construção de uma figura idealizada do gaúcho, por parte dos literatos ligados a esse movimento, calcada em valores como “heroísmo”, “rusticidade”, “autenticidade” e “relação com o campo” (MOREIRA, 1982). Mesmo frente a um contexto urbano-industrial crescente, essa figura é constantemente recriada em diversos contextos, como, por exemplo, a partir do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que faz renascer e disseminar o regionalismo.

Segundo o antropólogo Ruben Oliven (1992), a relação do estado do Rio Grande do Sul com o Brasil se dá em uma tensão entre autonomia e integração – equação que constitui a identidade gaúcha. Se de um lado há a mencionada ênfase histórica na peculiaridade do estado, situada no passado rural e na idealização da figura do gaúcho, de outro se afirma o pertencimento a uma identidade brasileira mais ampla. Além disso, essa tensão entre regional e nacional gera uma série de outras derivadas; tradicional *versus* moderno, local *versus* global, campo *versus* cidade também são algumas das oposições que dão sentido à experiência de ser gaúcho, ou sul-rio-grandense.

Diante disso, vemos que o personagem analista de Bagé atualiza alguns dos dilemas que cercam o estado do Rio Grande do Sul em sua busca por equacionar sua identidade regional frente a uma identidade brasileira – é o dilema local-global que está aí posto. Tal dilema fica claro na oposição sempre presente entre a rusticidade dos hábitos tradicionais do personagem e seu pertencimento à identidade de “analista”, a qual remete a um mundo erudito e sofisticado, distante do ideal do tradicionalismo. Podemos observar esses contrastes em diversas passagens das crônicas do Analista de Bagé, como, por exemplo, a seguinte:

“Pues, diz que o divã no consultório do analista de Bagé é forrado com um pelego. Ele recebe os pacientes de bombacha e pé no chão.

– Buenas. Vá entrando e se abanque, índio velho.

– O senhor quer que eu deite logo no divã?

– Bom, se o amigo quiser dançar uma marca antes, esteja a gosto(...)”⁵

Nesse trecho da primeira crônica do livro “O Analista de Bagé”, nota-se o jogo de contrastes utilizado pelo autor. A imagem de um austero consultório de psicanálise com divã é transfigurada pela presença de elementos da rudeza do gaúcho: o pelego cobre o mencionado divã e o analista se veste para a lida no campo (a bombacha e o pé no chão). O jogo entre características “locais” e “globais” está presente, desestabilizando as expectativas do leitor: onde a aparência é de sofisticação, encontra-se a

⁵ Veríssimo, 1981, p. 7.

rusticidade. O Analista de Bagé, portanto, é um ser híbrido em relação ao qual todo enquadramento apriorístico é quebrado a cada frase lida, causando desconcerto e provocando comicidade.

De fato, segundo Saliba (2002), o riso pode ser fruto da percepção de uma estranheza, pelo contraste causado por coisas fora do lugar esperado. Como podemos perceber, ao se utilizar do contraste entre tais elementos opostos, Luis Fernando Veríssimo constrói um personagem cômico, que aponta as referidas oposições e tensões presentes na identidade da população gaúcha. Essas tensões, muitas vezes, são vividas cotidianamente de modo não problematizado, ou não explícito. No entanto, é no registro do humor, e da literatura, que essas tensões podem ser colocadas de modo mais direto.

Segundo Rosenfeld, o personagem, na literatura, permite uma simplificação da realidade, de modo que possamos lidar com situações que “a vida empírica, no seu fluir cinzento e cotidiano, geralmente não apresenta de um modo tão nítido e coerente” (ROSENFELD, 1968, p. 45). Assim, é por meio da especificidade da literatura que elementos que geram tensionamentos na vida cotidiana podem ser postos de modo aberto e de mais fácil manejo. A delicada dificuldade do Rio Grande do Sul em aceitar sua diversidade cultural, a qual é sufocada por um estereótipo homogêneo de gaúcho, pode, assim, ser retratada de modo mais pacífico no humor literário.

Dessa maneira, a fonte do riso pode situar-se na quebra de expectativas em torno de certos estereótipos, o que provoca a “estranheza” e a idéia de “fora de lugar”. Voltando ao que teoriza Mary Douglas (1993), a

piada seria uma ruptura com a ordem, uma forma de ataque ao controle social. Ela teria um efeito subversivo em relação à estrutura de idéias dominantes, ao se configurar como uma estrutura alternativa àquela já dada. O caráter “anti-ritual” da piada, defendido por Douglas, envolve, portanto, uma crítica à hierarquia e aos valores dominantes. Essa crítica, não podendo ser feita diretamente, encontra na literatura e no discurso humorístico uma maneira mais permissiva de expressão.

No caso do analista de Bagé, vemos todo tempo a quebra da imagem de duas figuras com papéis supostamente bem definidos e separados na ordem social formal: o gaúcho campeiro e tradicional; e o psicanalista sofisticado e intelectualizado. É exatamente com essas figuras que o texto de Veríssimo busca romper, explicitando a mistura entre ambas – que, de fato, ocorre na realidade cotidiana. Em um trecho da crônica “Entrevista com o Analista de Bagé”, podemos perceber a quebra com ambos os estereótipos:

“Coojornal – Qual é a sua escola? Segue os ensinamentos de Freud, Jung, Reich ou Honório Lemes?

Analista de Bagé – Poes, sou freudiano de carregar bandeirinha. Mas não desprezo os demás. No meu consultório tenho uma guampa esculpida com as caras de Adler e Jung. A Dona Melanie Klein também, era china de se apresentar pra mãe. Já esse tal de Reich, nem pra catá bosta. Reich, pra mim, é prenúncio de cuspida.”⁶

O vocabulário “gaudério” que permeia a resposta do analista de Bagé demonstra que estamos diante de um psicanalista que apesar de se dizer “freudiano

⁶ Veríssimo, 1981, p. 131.

de carregar bandeirinha” não segue o estereótipo dominante de tal profissional. Da mesma forma, a imagem idealizada do gaúcho restrito aos domínios do campo, cultivada pelo regionalismo, pouco combina com o reconhecimento e a citação de autores clássicos da psicanálise. Há aqui uma dupla quebra de estereótipos – figuras antes claramente delimitadas são fundidas em um único e contraditório personagem.

De fato, é essa característica híbrida e contraditória que efetivamente caracteriza a complexidade e a diversidade da identidade sul-rio-grandense. Portanto, podemos entender que a figura do analista de Bagé aponta para aquilo que o regionalismo e o tradicionalismo (bem como aqueles que enfatizam a face cosmopolita e sofisticada do Rio Grande) não deixam entrever. Isto é, a busca por uma identidade homogênea para o Rio Grande do Sul esbarra em sua irredutível diversidade, onde elementos de tradicional e moderno, popular e erudito, particular e universal, estão constantemente em jogo.

Nessa perspectiva, Luis Fernando Veríssimo reconhece a contradição presente na identidade gaúcha e expressa por seu personagem. Na antes referida entrevista dada à Playboy, ele comenta a respeito:

“Playboy – Quem seria a síntese do gaúcho? Médici? Brossard? Prestes? Brizola? Kleiton e Kledir?

Veríssimo – O gaúcho é uma contradição só, né? Daqui, da mesma estrutura social, saíram líderes de todos os tipos: populistas, reacionários, revolucionários, tudo. Não sei qual o gaúcho típico.

Playboy – Quem sabe o Analista de Bagé?

Veríssimo – Pensando bem, o Analista não deixa de ser um retrato dessas contradições. O gaúcho também é um índio grosso da fronteira que lê Freud.”⁷

Vemos aqui que Veríssimo reconhece que essas duas realidades (aquela que se expressa na figura do gaúcho idealizado e aquela que possui forte identificação com a psicanálise) estão presentes na formação da identidade do Rio Grande do Sul. Trata-se, pois, de um estado que possui uma importante história de constituição do campo psicanalítico e, ao mesmo tempo, conta com um fortíssimo movimento tradicionalista.

Além disso, a oposição psicanálise *versus* tradicionalismo, presente no Analista de Bagé, expressa uma série de outras em seu texto, como: sabedoria popular *versus* conhecimento acadêmico; campo *versus* cidade. Nesse sentido, retornando ao texto de Veríssimo, vemos que o analista de Bagé, mesmo se afirmando “freudiano ortodoxo” usa outras fontes de consulta em suas sessões:

“Sempre que pega um caso mais difícil, no entanto, o analista de Bagé recorre a um grosso volume em alemão na estante de seu consultório. É entre suas páginas que guarda, escritas a tóco de lápis em folhas soltas de um caderno de armazém, as máximas do seu pai, o velho Adão. Quando, diante de um caso ‘dos encroado’, o analista de Bagé se vê ‘mais apertado que *jeans* de fresco’, as máximas do velho Adão muitas vezes sugerem uma saída. Eis algumas delas:

⁷ Revista PLAYBOY, janeiro de 1989.

‘Mate e china, quanto mais novo, mais quente.’
(...)”⁸

Nota-se aqui a presença do conhecimento popular, herdado de geração a geração, por meio dos adágios e das comparações gauchescas, os quais são muito citados pelo personagem. Vemos que a aparência de sofisticação (o analista “recorre a um grosso volume em alemão na estante do seu consultório”) na verdade esconde o saber da tradição, escrito em simples “folhas soltas de um caderno de armazém”. Esta tradição, em grande medida compilada e inventada (HOBSBAWN, 1984) pelos intelectuais formadores do tradicionalismo, é calcada na experiência do homem do campo, em seu caráter “autêntico” e “espontâneo”. Mais uma vez se quebram as expectativas e é possível ver a realidade sul-rio-grandense, híbrida e complexa, escondida atrás das formas puras de constituição identitária.

Outro exemplo disso, no texto, é a “técnica terapêutica” desenvolvida pelo analista de Bagé: a chamada “terapia do joelho”, que se apóia no princípio da “dor maior”. O narrador comenta acerca do sucesso dessa técnica: “Já existe, inclusive, uma escola de psicoterapia que adotou o joelho, chamado nos Estados Unidos de BSM, ou ‘Bage Sensitization Method’”⁹. Em seguida deixa entrever a origem da técnica:

“Pues cada vez que alguém lá em casa adoecia, chamavam o tio Lautério. Até hoje ninguém sabe direito qual era a especialidade dele, mas era chamado pra tudo, desde mordida até enfarte. (...) Ele chegou e me encontrou chorando. A primeira coisa que disse foi pra me consolá:

– Deixa de ser veado, ó cagão.

Mas tava doendo demais e eu não parei de chorar. Aí ele começou a me dar um beliscão. E perguntava:

– O que tá pior, o ouvido ou o beliscão?

E eu berrava:

– É o ouvido!

Depois:

– Tá empatado!

E depois:

– É o beliscão!

Aí ele apertou mais até que eu gritei:

– Tô com saudade da dor de ouvido!

Me lembrei do tio Lautério quando decidi instituir o joelho.”¹⁰.

A idéia do “joelho” enquanto uma nova “técnica” remete a uma reelaboração local de algo global. Metaforicamente, a psicanálise é entendida de um modo particular pelo gaúcho, o qual utiliza o repertório cultural regional para adaptá-la ao seu contexto. Isso, portanto, pode ser entendido como uma tentativa de equacionamento entre o global e o local – a qual ocorre de diversas formas e em vários âmbitos na experiência cotidiana. Outro exemplo dessa reelaboração é mais uma “invenção terapêutica” do analista, a “análise em grupo de gaitero, ‘pra indiada se soltá’”¹¹:

⁸ Veríssimo, 2002, p. 70-71.

⁹ Veríssimo, 2002, p. 55.

¹⁰ Veríssimo, 2002, p. 57-58.

¹¹ Veríssimo, 2002, p. 73.

“(...) E se algum paciente quiser, em vez de falar, trovar, ‘pos que trove’. O analista de Bagé responde em cima.

Foi o caso daquele moço que começou:

‘Tenho medo do escuro
qualquer coisa me dá ânsia.
Fujo da sombra do muro,
do preto quero distância.
Suo frio e desconjuro...
Isso é trauma de infância?’

Ao que o analista de Bagé respondeu:

‘Isso é trauma de infância,
mas não é a explicação.
Conheço piá de estância
que monta em bicho-papão.
Não tem segunda instância:
tu é que é um grande cagão.’”¹²

Assim, mais uma vez se vê o imbricamento entre duas faces opostas, a qual se dá a partir da recriação e reelaboração, próprias à dinâmica cultural. A constituição de uma identidade que busca as “raízes” e a “autenticidade”, defendida pelo movimento tradicionalista, muitas vezes não dá conta dessa reelaboração que ocorre constantemente em meio à (re)produção cultural. A permissão para que se aponte a existência dessa recriação e hibridização passa, portanto, pela forma literária e humorística – as quais, como vimos, configuram-se como registros mais autorizados de expressão. Além disso, a posição do escritor Luis Fernando Veríssimo também contribui para que um

personagem que explicita a contradição seja mais bem aceito. Esse ponto será abordado a seguir.

Duplo deslocamento e riso socializante

Guazzelli (2001) aponta como recorrente o uso de contrastes na literatura gaúcha no intuito de causar o riso. Esse autor aponta para o uso da diferenciação entre “paisanos”, habitantes do campo, e “povoeiros”, habitantes da cidade, sendo que ambos são pensados de modo estereotipado. De acordo com o autor, a “graça aparece quando ‘paisanos’ e ‘povoeiros’, reificados e deslocados dos respectivos ambientes que os determinam, mostram-se desajeitados e torpes, fora do lugar e sem sentido” (GUAZZELLI, 2001, p. 51). Isto é recorrente no estranhamento que o analista de Bagé demonstra em relação às angústias dos “paisanos” ou “cidadinos” que chegam ao seu consultório:

“– É depressão, doutor.

O analista de Bagé tira uma palha de trás da orelha e começa a enrolar um cigarro.

– Tô te ouvindo – diz.

– É uma coisa existencial, entende?

– Continua, no más.

– Começo a pensar, assim, na finitude humana em contraste com o infinito cósmico...

¹² Veríssimo, 2002, p. 48.

– Mas tu é mais complicado que receita de creme Assis Brasil. (...)”¹³

No entanto, se comparadas aos demais textos regionalistas que envolvem o humor, as crônicas do analista de Bagé operam um deslocamento duplo. Em primeiro lugar, há um narrador que, como vimos, é identificado com o mundo cosmopolita e que narra os fatos a partir da citação, entre aspas, dos termos ditos pelo Analista de Bagé – modo que enfatiza seu distanciamento em relação ao personagem:

“O analista de Bagé sustenta que não existe gaúcho homossexual embora, como diz, ‘quem não nasceu em Bagé tá se arriscando’. O que existe, segundo o analista, ‘é quem não sabe se vai ou não vai, como cavalo xucro pra cruzá sanga’. Estes precisam de um ‘empurrãozito, no más’, na direção certa.”¹⁴

Assim, um primeiro deslocamento (ou estranhamento) situa-se no contraste da presença de um gaúcho típico em meio à sofisticação do mundo moderno, representado pelo escritor que conta suas histórias e marca a diferenciação entre o vocabulário usado para narrar e aquele usado pelo próprio personagem. O narrador, portanto, identifica-se com o público leitor médio, também cidadão e escolarizado, e faz com que os leitores também estranhem um personagem de hábitos do campo, que utiliza ditos populares do interior do Rio Grande do Sul, mesmo ocupando a função de psicanalista.

¹³ Veríssimo, 2002, p. 16.

¹⁴ Veríssimo, 1982, p. 48.

Em segundo lugar, há o estranhamento operado pelo próprio personagem em relação aos “pacientes cidadãos” que chegam ao seu consultório, como podemos ver em diversas passagens:

“Meu pai, o velho Adão, sempre me dizia pra não me preocupá com o infinito porque o infinito ficava pra lá de Lavras. Em Bagé não tinha angústia existencial e como em Bagé nunca teve fresco... Fui me enchendo com aquela fileira de desocupados que só pensavam no universo como se o universo fosse tudo”.¹⁵

Esse segundo estranhamento acontece pelo fato do consultório do Analista de Bagé se configurar como uma extensão do campo na cidade, onde, ao adentrá-lo, os pacientes estão de fato entrando em uma “estância” da fronteira do Rio Grande do Sul, saudados pela expressão típica do analista: “Se abanque, no más”. Nesse segundo deslocamento, o leitor é levado a estranhar os hábitos e questões que conformam a vida urbana, o que faz com que estranhe a si próprio diante dos hábitos e das falas do analista de Bagé.

Nesse sentido, a caracterização do consultório como uma extensão do campo na cidade está relacionada a outro elemento que permeia o texto de Veríssimo: a presença do analista de Bagé fora de seu local de origem (o “paisano” na cidade), o que remete a uma realidade enfrentada pelo Rio Grande do Sul: o êxodo dos gaúchos, bem como a expansão e mesmo

¹⁵ Veríssimo, 2002, p. 56.

transnacionalização do tradicionalismo gaúcho. Em uma das crônicas, o analista afirma:

“Pues sou bairrista barbaridade. Só sei viver com conterrâneo. No meio de gaúcho me sinto como bebê no peito: tudo que eu preciso tá ali à mão. Gosto de estar rodeado de gaúcho como braseiro de galpão. Por isso moro no Rio de Janeiro.”¹⁶

Como afirma Oliven (1992, p. 93), “não é descabido imaginar que no futuro haja mais CTGs [Centros de Tradições Gaúchas] fora do que dentro do Rio Grande do Sul”. A possibilidade de se levar um “centro” para cultivar suas raízes e origens demonstra que o gaúcho, fora do Rio Grande do Sul, não é simplesmente desterritorializado – ele pode, de algum modo, levar sua tradição junto a ele. Veríssimo brinca ao comentar um dos fatores, eleito pelo analista, explicativos da mobilidade dos gaúchos:

“A propósito, o analista de Bagé realça a importância sociológica da garrafa térmica, que aumentou em muito a mobilidade do gaúcho – já que chaleira e lenha vermelha são difíceis de carregar – e é hoje a segunda maior responsável pela evasão dos gaúchos para outros estados, depois do governo.”¹⁷

Dessa forma, por meio da possibilidade de expansão da tradição para fora das fronteiras do estado, o duplo deslocamento se apresenta: ao mesmo

tempo em que o analista de Bagé está deslocado do campo para a cidade, seus pacientes da cidade são deslocados para o campo ao adentrarem seu atípico consultório. Há um narrador, identificado com o leitor, que estranha o gaúcho típico na cidade, o qual, por sua vez, estranha os cidadãos que chegam a seu consultório – consultório este que se configura como uma presentificação do campo em meio ao contexto urbano.

Os pacientes “modernos” e com problemas existenciais complexos parecem permanecer desajeitados em relação aos hábitos gauchescos/tradicionais demonstrados pelo analista de Bagé. Contudo, nota-se que Veríssimo constrói o Analista de Bagé como um gaúcho que maneja bem os elementos da modernidade e da tradição – ele consegue reelaborar localmente a psicanálise, misturando-a a elementos “rústicos” e regionais. Assim, o êxito em unir características tão díspares em uma lógica coerente faz com que o analista cause tanto sucesso, o que talvez advenha da explicitação daquilo que é operado o tempo todo cotidianamente: o equacionamento entre elementos tradicionais e modernos na experiência de ser gaúcho. Mesmo que esta experiência ocorra em Bagé, Porto Alegre, Rio de Janeiro ou Paris.

O manejo com o código da cultura global e o código local está também relacionado à própria escrita e trajetória de Luis Fernando Veríssimo. De acordo com o que foi delineado no início deste trabalho, Veríssimo é o escritor ao mesmo tempo enraizado e desenraizado. Sua posição, portanto, é ambígua – o que o torna autorizado a fazer humor jogando com

¹⁶ Veríssimo, 2002, p. 59.

¹⁷ Veríssimo, 2002, p. 67.

características regionais tão caras à constituição da especificidade gaúcha, bem como com elementos pertencentes a uma cultura global como a psicanálise.

Nesse sentido, podemos pensar o tipo de humor realizado por Veríssimo, no Analista de Bagé, a partir de Henri Bergson (apud Rosas, 2003), que afirma ser a palavra passível de provocar dois tipos de riso. O primeiro deles seria “cômico” e ocorreria quando a palavra dita nos faz rir de quem a pronuncia. O segundo seria “espirituoso”, ocorrendo quando a palavra nos faz rir de uma terceira pessoa ou de nós mesmos. Assim:

“quando rimos *de* nosso interlocutor (porque ele *fez* ou *disse* algo ridículo), nós: a) não nos identificamos com ele e b) somos superiores a ele. Já quando rimos *com* nosso interlocutor (porque ele *disse* algo espirituoso acerca de si mesmo, de nós ou de um terceiro), nós: a) nos identificamos com ele e b) não podemos ser, portanto, nem superiores nem inferiores a ele. Isso pode ocorrer porque, enquanto na relação cômica bastam dois elementos (observado e observador) entre os quais se exige distanciamento, na espirituosa há de haver três: o observador comunica aquilo que sabe do observado (que, independente de ser ele próprio ou o receptor da mensagem, é funcionalmente o segundo elemento na relação) a um terceiro. O observador se torna, portanto, o emissor de uma mensagem sobre a situação ou o indivíduo cômico (o observado) que visa a aliciar o receptor, provocando-lhe o riso através da identificação e da cumplicidade na observação compartilhada.” (Rosas, 2003).

Desde essa perspectiva, então, podemos situar o texto (ou a palavra) de Veríssimo no sentido do riso espirituoso, dado que são mobilizadas por ele três instâncias: o narrador, o personagem narrado e o leitor. O narrador estabelece uma cumplicidade com o leitor ao contar os fatos relacionados a um terceiro (o analista). Assim, por mais que as crônicas do analista de Bagé utilizem elementos étnicos (porque mobilizados para o estabelecimento de fronteiras simbólicas e para a construção da especificidade de um grupo), não há aqui o caráter de menosprezo a essas características. Mesmo trabalhando com a quebra de estereótipos (do gaúcho e do psicanalista idealizados), o texto de Veríssimo acaba não depreciando essas figuras.

Em alguma medida, esse caráter não depreciativo é possível pela posição do próprio escritor. Veríssimo, ao demonstrar um domínio e um pertencimento ao código étnico local (conhecimento dos adágios populares, além da inexorável herança de Érico que carrega em seu nome) está autorizado a jogar e a romper com o ideal que sustenta uma identidade gaúcha estereotipada. Da mesma forma, ao demonstrar um domínio do código global (lembrando suas vivências no exterior), Veríssimo se vê autorizado a subverter também com o mundo sofisticado expresso na psicanálise.

Além disso, o domínio dos distintos códigos acionados, que permite a subversão desses mesmos códigos, contribui para a aproximação entre narrador, personagem e leitor. Há uma identificação do narrador com o leitor para se rir de um terceiro elemento, aquele que é narrado. Contudo, o leitor, ao rir do Analista de Bagé, está rindo também dele próprio, já que o personagem espelha as contradições

de cada um pertencente ao contexto a que faz referência – aliás, mesmo contexto do próprio narrador/escritor.

Essa possibilidade de identificação, acompanhada de quebras de expectativas, caracteriza o humor do analista de Bagé como riso espirituoso ou “riso socializante” (ROSAS, 2003), já que ele acaba reforçando (e não depreciando) uma identidade regional, justamente por mostrar o quão únicas são as contradições vividas localmente. Essas contradições são encarnadas pelo próprio Veríssimo, dada sua posição ambígua enquanto sujeito local e global ao mesmo tempo. Com isso, o escritor pode se colocar em uma posição distanciada para fazer humor, podendo utilizar o jogo de pertencer e não pertencer para subverter a ordem formal na escrita do texto.

Considerações Finais

Este artigo teve por objetivo levantar algumas hipóteses interpretativas em torno das características do humor presente no personagem analista de Bagé. Para isso, foi fundamental a referência aos elementos étnicos e culturais mobilizados por Luis Fernando Veríssimo na composição de seu personagem. Assim como o analista de Bagé é construído pela contradição entre dois mundos distintos, o estado do Rio Grande do Sul também o é. A contradição, as tensões e a diversidade cultural que conformam o Rio Grande do Sul são muitas vezes deixadas de lado por

correntes e atores sociais que ora exaltam a figura idealizada do gaúcho, ora promulgam a imagem de um Rio Grande moderno, progressista e cosmopolita.

Entretanto, a partir da análise do referido personagem, percebemos que é pela especificidade da literatura e do humor que esses contrastes e hibridismos podem vir à tona para serem estranhados e causarem o riso. Procurei, ao logo deste artigo, demonstrar que a literatura e o discurso humorístico permitem que se coloquem essas oposições em perspectiva, concorrendo para a estranheza daquilo que geralmente permanece “banalizado” na vida cotidiana.

O movimento de apagamento das divergências internas, como foi afirmado para o caso do Rio Grande do Sul, também se dá na constituição da identidade nacional. A emergência de regionalismos no Estado-nação brasileiro não ocorre apenas no Rio Grande do Sul – talvez isso seja um fator explicativo do sucesso da recepção do Analista de Bagé não apenas entre gaúchos, mas também em outros estados do país.

Além disso, a posição de Luis Fernando Veríssimo parece chave para o entendimento da aceitação da quebra de estereótipos causada pelo personagem. O domínio e a possibilidade de subverter códigos locais e globais o permitem ter um distanciamento acerca das questões que evoca no texto. Com Veríssimo e o Analista de Bagé é possível olhar para as contradições vivenciadas local e cotidianamente de modo a nos permitir rir delas (e de nós mesmos).

REFERÊNCIAS

- DOUGLAS, Mary. *Implicit Meanings: essays in Anthropology*. London: Routledge & Kegan Paul, 1993.
- GRAIEB, Carlos. O autor que é uma paixão nacional. *Revista VEJA*. Edição 1793, 12 de Março de 2003.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. O duplo espelho: o humor na literatura do Rio Grande do Sul. *Anos 90: revista do Programa de Pós-Graduação em História*. Porto Alegre. Vol. 9, nº 15, p. 45-70, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. A Produção em Massa das Tradições: Europa 1879 a 1914. In: Eric Hobsbawm e Terence Ranger (orgs). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- MARANHÃO, Carlos. Playboy entrevista Luis Fernando Veríssimo. *Revista PLAYBOY*. Ano 14, nº 1, Janeiro de 1989.
- MOREIRA, Maria Eunice. *Regionalismo e literatura no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EST/ICP, 1982.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PORTAL Literal – Luis Fernando Veríssimo. Disponível em: <<http://portalliteral.terra.com.br/verissimo>>. Acesso em: 7 de setembro de 2009.
- ROSAS, Marta. Por uma teoria da tradução do humor. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*. São Paulo. Vol.19, nº especial, 2003.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso. A representação humorística na história brasileira: da belle époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- TODOROV, Tzvetan. Aller Retour. In: *L'Homme Dépaycé*. Paris: Seuil, 1996.
- TERAPIA coletiva de risos. Disponível em: <<http://diariodovale.uol.com.br/arquivo/5158/lazer/lazer-25203.htm>>. Acesso em: 31 de abril de 2009.
- VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Todas as histórias do Analista de Bagé*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. 1ª ed.
- _____. *O Analista de Bagé em quadrinhos – com ilustrações de Edgar Vasques*. Porto Alegre: L&PM, 1983.1ª ed.
- _____. *Outras do Analista de Bagé*. Porto Alegre: L&PM, 1982. 1ª ed.
- _____. *O Analista de Bagé*. Porto Alegre: L&PM, 1981.1ª ed.